

## OFICINA DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS NA APAE DE OEIRAS-PI NO CONTEXTO DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Fabiana Damasceno Sousa<sup>1</sup>  
Lidiane Lindinalva Barbosa Amorim<sup>2</sup>

### RESUMO

Um dos grandes desafios para os educadores da APAE é a realização de cursos de capacitação, assessorias e encontro da equipe pedagógica e de saúde com uma rede de apoio especializada, além de ter uma infraestrutura adequada e condições de materiais para o trabalho pedagógico junto às crianças com deficiência. Diante desta problemática, o objetivo do trabalho é levar o conhecimento e prática do atendimento educacional especializado para os profissionais da APAE através da construção conjunta de materiais pedagógicos a partir da utilização de material reciclável. Metodologicamente, utilizou-se dos preceitos da pesquisa colaborativa. A oficina foi realizada na APAE de Oeiras -PI e ao total participaram 16 profissionais, sendo a coordenadora e a presidente da instituição, quatro professores e dez produtos recicláveis, ou seja, de baixo custo, a fim de serem utilizados para favorecer a inclusão dos alunos com deficiência. As produções aqui apresentadas são frutos de estudos, pesquisas e troca de experiências. Os materiais têm o propósito de trabalhar a concentração, criatividade, oralidade, reconhecimento sonoro, coordenação motora, desenvolvimento cognitivo na leitura e na escrita, vínculo afetivo de forma lúdica e significativa, buscando atingir, assim, um melhor aprendizado, levando-os a compreender os conteúdos de maneira que possam apreender. Os resultados apresentam características das atividades, tais como: objetivos e procedimentos.

**Palavras-chave:** Inclusão educacional, Atendimento Educacional Especializado, Recursos pedagógicos, Deficiência Intelectual, APAE.

### INTRODUÇÃO

A deficiência intelectual é um termo usado quando uma pessoa apresenta algumas limitações no seu funcionamento mental e no desempenho de tarefas como as de relacionamento social, comunicação e de cuidado pessoal. Estas limitações provocam maior lentidão na aprendizagem e no desenvolvimento dessas pessoas. No entanto, vale ressaltar que o atraso cognitivo não é uma doença mental (sofrimento psíquico), como a depressão, esquizofrenia, por exemplo. Não sendo uma doença, também não faz sentido procurar ou esperar uma cura para a deficiência intelectual (ALMEIDA, 2012).

---

<sup>1</sup> Professora da sala de AEE no município de Oeiras, [fabidamasceno2014@gmail.com](mailto:fabidamasceno2014@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutora e Professora do Instituto Federal do Piauí-Pedro II, [lidiane.amorim@ifpi.edu.br](mailto:lidiane.amorim@ifpi.edu.br).

O deficiente intelectual necessita de estimulação com qualidade, para que o desenvolvimento cognitivo se processe satisfatoriamente, através de situações-problema e favorecimento do incremento das capacidades metacognitivas - planejamento de ações, objetivação do pensamento. Desta forma, as atividades voltadas ao desenvolvimento da inteligência devem estar centradas na linguagem e em instrumentos do planejamento, controle e regulação de suas ações (PEREIRA, 2017).

Na década de 1950, surge nos Estados Unidos um movimento de pais de crianças com deficiência intelectual que se organizaram em defesa dos interesses e necessidades de seus filhos, criando a *National Association For Retarded Children* (NARC) - a qual exerceu grande influência em vários países (MATOS, 2003; SALABERRY, 2008). No Brasil, esse movimento foi o inspirador do movimento que deu origem à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), iniciado em 1954, na cidade do Rio de Janeiro, por incentivo de um casal norte-americano, membros da NARC (SALABERRY, 2008). No decorrer dos anos as APAEs se tornaram as maiores prestadoras de serviço educacional e de habilitação da pessoa com deficiência intelectual em todo o país.

De acordo com Figueiredo e Gomes (2007) é importante para a criança com deficiência intelectual está em contato com o mundo letrado, com experiências que favoreçam à leitura através de atividades diversas. Assim, para prestar assistência a sua clientela, a APAE conta com uma equipe interdisciplinar constituída pelos seguintes profissionais especializados: Assistente Social, Pedagogo, Fisioterapeutas, Professores de Educação Física, Professores de Educação Básica, Instrutores específicos, Auxiliares de Fisioterapia Auxiliares de Enfermagem, Pessoal de apoio e Voluntários.

Os educadores da APAE realizam o acompanhamento junto ao aluno com deficiência intelectual, tendo como finalidade possibilitar a ele progredir em termos de desenvolvimento e aprendizagem. No entanto, um dos grandes desafios para os educadores da APAE é a realização de cursos de capacitação, assessorias e encontro da equipe pedagógica e de saúde com uma rede de apoio especializada, além de ter uma infraestrutura adequada e condições de materiais para o trabalho pedagógico junto às crianças com deficiência.

É certo que a parceria da APAE e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) poderia ser o avanço necessário para a valorização de ambas. Isso contribuiria no avanço para desenvolver habilidades necessárias para o ingresso dos alunos nas classes regulares, visto que no AEE as educadoras elaboram e organizam uma ampla variedade de recursos didáticos, a partir da boa relação do professor com o aluno, entendendo a sua necessidade, e buscando recursos que respeitem as suas limitações, buscando sua autonomia e independência,

proporcionando experiências ricas e proveitosas ao trabalhar com os recursos apresentados, propiciando desenvolvimento das áreas afetadas e valorizando as diferenças do aluno.

Diante desta problemática, o objetivo do trabalho é levar o conhecimento e prática do atendimento educacional especializado para os profissionais da APAE através da construção conjunta de materiais pedagógicos a partir da utilização de material reciclável. Os materiais foram confeccionados tendo como referência as práticas que o AEE sugere para pessoas com deficiência intelectual.

## **METODOLOGIA**

A oficina para confecção de material pedagógico foi ministrada pela professora da AEE, Fabiana Damasceno Sousa, realizada na APAE de Oeiras -PI com acompanhamento da coordenadora e presidente da instituição, com duração de quatro horas, e ao total participaram 14 profissionais, sendo quatro professores, quatro fonoaudiólogos, três psicólogas, uma assistente social e duas terapeutas ocupacionais.

Após a confecção dos materiais, foram utilizados vídeos dos alunos utilizando os materiais na sala de Recursos Multifuncionais para que os participantes visualizassem os resultados obtidos das práticas pedagógicas, a fim de mostrar a importância de conhecer experiências que deram certo e que contribuíram para que os alunos com deficiência intelectual se desenvolvessem de acordo com a necessidade específica.

## **DESENVOLVIMENTO**

A legislação brasileira aborda, permite e orienta a implantação da educação inclusiva nas escolas. No entanto, a realidade demonstra que a maioria das instituições de ensino parece não estar preparada nem estruturada para incluir os alunos com deficiência e dar atendimento adequado a essa nova demanda. Contudo, é sabido que muitas escolas têm tentado adequar suas ações, buscando atender a demanda do alunado nelas matriculado. O trabalho tem sido extenuante, dada a falta de estruturas básicas e de recursos humanos com formação adequada que lhes permitam atender a diversidade presente nas salas de aula (LOPES; MARQUEZINE, 2012).

A educação inclusiva requer práticas educativas diferenciadas que possam garantir a educação de todos, sendo vista como um trabalho de parceria entre o ensino comum e o ensino especializado (PLETSCH, 2010). A sala de AEE vem ser um espaço da escola, na qual

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

se disponibilizam materiais didáticos, pedagógicos e de Tecnologia Assistiva, e têm o objetivo de buscar a melhoria do ensino-aprendizagem do aluno no contexto escolar (VIANA; TEIXEIRA, 2019).

As APAEs também buscam desenvolver atividade direcionadas à melhoria da qualidade de vida da pessoa com deficiência, promovendo e articulando ações de defesa de direitos, prevenção, orientação, prestação de serviços e apoio à família. As APAEs têm autonomia administrativa e jurídica perante a administração pública ou privada, na comunidade em que ela está inserida, sendo a favor de um processo de inclusão escolar, preparando as escolas para que possam receber devidamente os estudantes não apenas com recursos apropriados, mas também com ações para a preparação dos alunos, professores, dentre outras ações (JUNIOR; FERREIRA; HANSEN, 2016).

O professor do AEE é um agente condutor que assegura e assessora a inclusão dentro da escola e baseiam seu trabalho no respeito e no amor ao aluno incluído. As interações observadas entre os professores de AEE e alunos favorecem o processo de aprendizagem, mesmo num ambiente desprovido de recursos físicos e didático-pedagógicos, o que pode apontar indícios favoráveis ao processo de inclusão, pois estes profissionais acreditam mais na capacidade cognitiva dos alunos incluídos (PACHECO; MAIA, 2017).

No AEE o trabalho desenvolvido precisa ser voltado para as necessidades da criança, evita-se a forma tradicional com características de atividades escolares, priorizando o lúdico (ROLIM; GUERRA; TASSIGNY, 2008). A adaptação de materiais pedagógicos, as vezes até mesmo a criação dos mesmos é uma atividade relacionada ao professor do AEE que possui conhecimento das questões relacionadas as deficiências e possui um olhar sensível as especificidades do indivíduo, visto que o objetivo do processo é desenvolver as habilidades e também as competências deste educando e o brinquedo ou brincadeira deve atender a esta demanda (RIBEIRO; ANDRÉ, 2018). De acordo com Maluf (2008), através de atividades lúdicas, brincadeiras e jogos, a criança brinca, se diverte, aprende, cresce em suas vivências, produz conhecimentos, decorrentes de seu sentir, pensar e do seu desenvolvimento, principalmente baseado nas suas emoções, sociabilidade e na resolução de problemas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Estudos apontam a importância da parceria com professores da AEE para garantir o processo de inclusão (ROPOLI *et al.*, 2010). Estes profissionais atuam no desenvolvimento de recursos didáticos variados que estão cada vez mais escassos nas escolas e sua presença torna-

se fundamental para que se efetive a inclusão. Estima-se que o uso de recursos didáticos em propostas metodológicas elaboradas pelo professor é importante dentro da sala de aula, seja em escolas ou instituições com foco na inclusão como a APAE, ou em escolas regulares (STELLA; MASSABNI, 2019).

Materiais coloridos e lúdicos tornam a aula mais atraente, o que colabora para que os alunos permaneçam engajados nas atividades propostas, potencializando o aprendizado e diminuindo a probabilidade de emissão de comportamentos disruptivos (LEITE *et al.*, 2011). Contudo, elaborar jogos e/ou brinquedos pedagógicos requer dos professores amplo planejamento e metas bastante definidas, objetivando, de tal modo, atingir os objetivos metodológicos almejados (SILVA *et al.*, 2015). Portanto, a capacitação de profissionais da APAE, para a elaboração de materiais diferentes, criativos e personalizados, amplia as possibilidades de atuação profissional e de inclusão do aluno.

As produções aqui apresentadas são frutos de estudos, pesquisas e troca de experiências. Os materiais têm o propósito de trabalhar a concentração, criatividade, oralidade, reconhecimento sonoro, coordenação motora, desenvolvimento cognitivo na leitura e na escrita e o vínculo afetivo de forma lúdica e significativa, buscando atingir, assim, um melhor aprendizado, levando-os a compreender os conteúdos de maneira que possam apreender. A seguir serão apresentados os recursos confeccionados na oficina. É importante ressaltar que dentre os recursos apresentados, alguns são de ideias próprias da professora, outros são ideias retiradas de livros, artigos ou sites educativos passando por processos de adaptações.

O principal foco da oficina é preparar a pessoa com deficiência para sua inserção efetiva na vida social (LUIZ; ARAUJO, 2003). LOURO (2006) destacou que as atividades musicais ajudam os alunos a se socializar e a desenvolver processos contínuos de autonomia. Com base nas ações educativas, a autora conceituou a educação musical para pessoas com deficiência como uma Educação Musical Especial, que objetiva proporcionar ao aluno a aprendizagem de conceitos como habilidades musicais gerais, sendo utilizada, também, no desenvolvimento físico, emocional, mental, social, estético e espiritual (SOARES, 2006). Teixeira e Barja (2014) afirmam que as crianças, quando expostas à música, podem ter a coordenação motora melhorada.

Com base nessas pesquisas, foi desenvolvido o recurso “Minhoca das letras” (**Figura 1**). Na utilização deste recurso, a criança deve ouvir uma história sobre bichinhos de jardim e ir encaixando as letras no corpo da minhoca conforme vai sendo solicitado pelo profissional. Por exemplo, ao ouvir a palavra “borboleta” o profissional pode solicitar que seja encaixado a



letra inicial do nome do animal. Do mesmo modo, pode encaixar desenhos conforme a música indique o nome do animal. Os objetivos desse recurso são explorar percepção e atenção, explorar correspondência entre palavras e desenhos e aprender de maneira lúdica e divertida. Como o jogo estimula a associação, concentração e atenção e estas também são propriedades essenciais para a assimilação do conteúdo ensinado em sala, a criança tende a render mais em sala de aula, fixando e retendo o que lhe é transmitido.



**Figura 1.** Recurso pedagógico minhoca das letras.

O segundo recurso pedagógico intitulado “Mala Viajante” vai de acordo com o observado por Ristum e Bastos (2003), que afirmam que a contação de história, antes baseada apenas e exclusivamente na forma oral ou escrita, adquiriu novos recursos. Nos tempos atuais, podemos assistir à contação de história por meio de imagens, sons, músicas e efeitos especiais. Abramovich (2003) enfoca no sentido de que o papel da contação de história é fundamental para o desenvolvimento intelectual. Quando a criança participa, sua imaginação é estimulada, bem como o desenvolvimento comunicativo, na interação com o narrador e com os colegas. Além disso, essa atividade ajuda no seu desenvolvimento físico-motor, no seu esforço de ouvir e recontar as histórias para outras crianças.

A contação de história promove no aluno uma contribuição significativa em seu processo de alfabetização, pois entra em contato com diferentes palavras, ampliando seu vocabulário e desenvolvendo percepções que antes não eram percebidas. No uso da “Mala viajante” (**Figura 2**), o profissional deve abrir a mala feita de capas de caderno encapada com EVA (Acetato de Venila) e iniciar uma contação de história, onde os personagens escolhidos vão sendo encaixados dentro de acordo com o desenvolvimento do enredo. Assim, o profissional deve ter vários personagens construídos para que a criança possa desenvolver a prática de imaginar, criar e fantasiar de acordo com suas emoções e sentimentos.

Observa-se que no uso da mala viajante é abordado não apenas a linguagem falada ou escrita, mas também através de imagens (fotos, desenhos), além de sons (músicas, falas, ruídos), sendo estes produzidos inclusive pela criança estimulando a fantasia, a oralidade, a

observação, o ouvir e o sentir, a capacidade de aguçar sentidos e colaborar na formação da personalidade. O objetivo desse recurso é explorar correspondência entre palavras e desenhos, estimular memória, concentração e atenção, propiciar oportunidades de interação, ampliar o vocabulário, contribuir para a alfabetização, despertar a criatividade e imaginação, desenvolver no aluno o gosto pela leitura e contribuir para o desenvolvimento da coordenação motora (encaixe dos personagens).



**Figura 2.** Recurso pedagógico a maleta viajante.

Partindo do argumento de que a contação de histórias ilustradas e cantadas atuam como elemento importante na prática pedagógica, foi desenvolvido a “Aranha teimosa” com a possibilidade de tornar o ensino da língua portuguesa mais atraente e fácil de ser assimilada, estimulando a oralidade desses alunos na contação da história da dona aranha (**Figura 3A**). A aranha teimosa é produzida com EVA e deve ser presa no tubo de papelão com auxílio de um cordão de lã, visando estimular a coordenação motora da criança através de movimentos de rotação na mão, para cima e para baixo. Os objetivos desse recurso são de estimular concentração e atenção, propiciar oportunidades de interação, despertar a criatividade e imaginação e contribuir para o desenvolvimento da coordenação motora (movimento da aranha).

O trabalho na sala de AEE deve focar na realização de atividades que estimulem a coordenação motora dos alunos com deficiência intelectual, pois a criança passa grande parte de sua vida na escola e é através de atividades ou brincadeira lúdicas que a criança desenvolve movimentos coordenados em função de um objetivo a ser alcançado. Nesta perspectiva, desenvolvemos e utilizamos o “Palhacinho troca-troca” (**Figura 3B**).

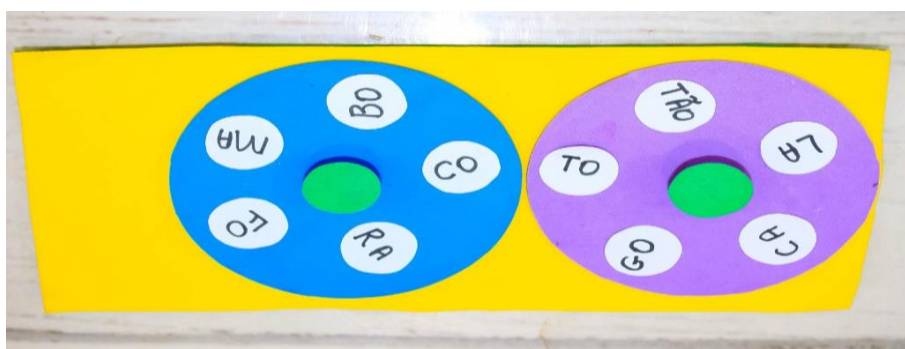
Com o uso do palhacinho troca-troca, o profissional deve realizar a troca a posição das bolinhas de EVA para que a criança identifique a mudança e assim trabalhar a percepção visual. Além disso, é possível trabalhar a formação de palavras ao adicionar sílabas nos círculos. Assim, os objetivos desse recurso são de contribuir para a alfabetização, entender que uma mesma sílaba pode estar em várias palavras, desenvolver o raciocínio lógico e contribuir para o desenvolvimento da coordenação visuo-manual (encaixe de sílabas). Alguns

autores apontam que o desempenho nas atividades que envolvam a coordenação entre objeto/olho/mão depende do nível de aprendizado e da evolução do desenvolvimento motor, sendo de grande importância para o contexto escolar, exigindo além de gestos minuciosos, a habilidade de concentração do aluno (FONSECA; BELTRAME; TKAC, 2008).



**Figura 3.** Recursos pedagógicos aranha teimosa (A) e palhacinho troca-troca (B).

Dando continuidade às atividades que visam contribuir para a alfabetização, foi desenvolvida a roleta silábica (**Figura 4**). O profissional deve orientar a criança a dirar cada uma das roletas que são feitas de CD velho encaixadas em um canudo formando palavras. Em seguida, o aluno deve escrever a palavra que formou. Assim, pretende-se que o aluno se aproprie satisfatoriamente do mundo das letras, a partir do entendimento de que as atividades de leitura e escrita devem acompanhá-lo ao longo de todo o seu percurso escola.



**Figura 4.** Recurso pedagógico roleta silábica.

Na nossa experiência na AEE, o uso desse material apresenta resultados positivos e percebe-se avanços significativos na área da leitura e da escrita, como também, atenção, concentração, memorização, imaginação e criatividade. Soares (2010) ressalta que alfabetizar implica que a criança aprenda a codificar e a decodificar, pois é um sistema inventado, diferente da língua oral que o ser humano já nasce programado para falar. Mas a associação de alfabetização com o letramento é possível e necessária quando se orienta a criança. Através

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

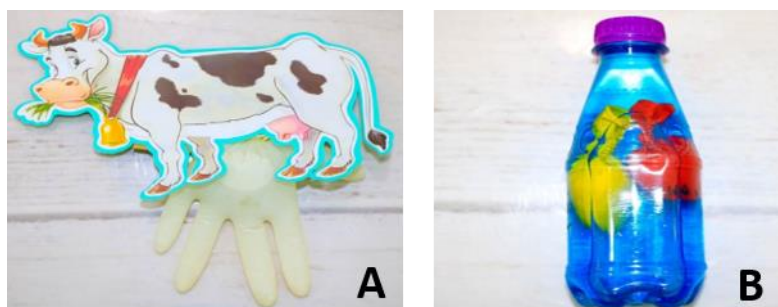


de materiais reais, como livros de literatura infantil, as propagandas, folhetos, qualquer material que seja do interesse da criança.

O estímulo aos sentidos requer atividades sonoras, táteis, gustativas, visuais e auditivas. Neste sentido, desenvolvemos três atividades sensoriais que geram estímulos táteis e visuais, como seguem: tato com as mãos - através de diferentes texturas, visão- através das cores exuberantes e sonora – através do movimento da água.

Na atividade com o recurso denominado “Vaca mimosa”, o profissional deve pegar uma imagem de uma vaca e colocar uma luva com água com maisena para fazer a simulação do leite nos peitos da vaca (**Figura 5A**). É furado um dos dedos da luva com agulha e a criança faz o movimento de pressão tentando tirar o leite acertando em uma vasilha. Este recurso pode ser utilizado com crianças de várias deficiências sendo importante para desenvolver o movimento das mãos e dedos, trabalha a paciência e coordenação motora fina.

Outro exemplo de atividade sensorial é o “Peixinho engarrafado” (**Figura 5B**). Os peixinhos confeccionados com balões de plástico se movimentam na água dentro da garrafa que contém glitter ou tinta. As crianças balançam a garrafa acompanhando o movimento dos peixinhos. O objetivo dessa atividade é colaborar com o aluno para que possa ter condições de associar números com quantidades. O profissional pode utilizar diferentes tamanhos de garrafas e número de peixinhos. Assim, o aluno desenvolve a consciência do concreto para o abstrato e que todo número refere-se a uma quantidade. Além disso, devem ser utilizados balões de diferentes cores para estimular a visão.



**Figura 5.** Recursos pedagógicos vaca mimosa (A) e peixinho engarrafado (B).

Por fim, temos o recurso “Luva sensorial” a fim de estimular o contato físico em crianças com dificuldades sensoriais e acabar favorecendo o contato social com os demais indivíduos da escola, permitindo um contato afetivo e uma melhora nas relações sociais de forma geral (**Figura 6**). Com esse material, o profissional pode cantar a música da dona aranha fazendo os movimentos da aranha caminhando na criança.



**Figura 6.** Recurso pedagógico luva sensorial

Poucos artigos científicos abordam o uso de estratégias sensoriais como apoio ao processo de inclusão de alunos com deficiência intelectual. Lin *et al.* (2012) apontam que estratégias sensoriais utilizadas em sala de aula podem melhorar o nível de atividade de crianças com transtorno de processamento sensorial como é o caso de crianças com transtorno do espectro autista. A pesquisa de Karim e Mohammed (2015), contou com a participação de trinta e quatro crianças, de idades entre três anos e cinco anos e meio, todas diagnosticadas com TEA de nível leve a moderado. Durante a intervenção, priorizou-se a estimulação do processamento sensorial tátil, vestibular e proprioceptivo, bem como a coordenação motora global e fina. Os autores concluíram que a terapia sensorial é eficaz no tratamento de crianças com TEA, uma vez que favorece o alcance de maior independência e participação das atividades do cotidiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a inclusão de educandos com deficiência intelectual visão no sistema regular de ensino, é necessário o desenvolvimento de estratégias didáticas pedagógicas que facilitem o processo de ensino aprendizagem. Como ponto favorável, os materiais didáticos utilizados apresentam baixo custo/tecnologia, tornando-se acessível a educadores e proporcionam uma boa interação do professor com o aluno. Percebe-se na prática do atendimento educacional especializado que existe melhora não só da coordenação motora, mas também da atenção, participação, interação, autoestima e compreensão dos alunos com deficiência intelectual.

Os resultados obtidos a partir da aplicação da oficina revelaram que é essencial inserir o lúdico no cotidiano das crianças que estão na APAE, pois proporciona de forma diferenciada, dinâmica e atrativa, a criação de meios que promovem o desenvolvimento de habilidades cognitivas que certamente serão utilizadas na construção do conhecimento de

disciplinas do ensino regular, além de favorecer aspectos que contribuem para autonomia e socialização do aluno.

Os profissionais da APAE se envolveram na confecção dos materiais pedagógicos e apontaram a importância da realização de oficinas e capacitação, reconhecendo a experiência e dedicação dos educadores da AEE como indispensável para o sucesso da inclusão. Esta pesquisa é relevante pois ampliou os conhecimentos dos profissionais da APAE no que diz respeito à inclusão da pessoa com deficiência intelectual, como também deu a oportunidade de conhecerem, os meios que podem ser utilizados para efetivar essa inclusão e as parcerias entre os profissionais que buscam sempre a melhoria do ensino desses alunos, e acreditam que a inclusão do aluno com deficiência em sala de ensino regular vem a contribuir com o desenvolvimento desses alunos. Desta forma, esperamos que o artigo possa despertar em professores e demais profissionais da área da saúde a importância do AEE e as contribuições das parcerias realizadas com instituições que se preocupam com a educação inclusiva.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2003.
- ALMEIDA, M. A. O caminhar da deficiência intelectual e classificação pelo sistema de suporte apoio. *In*: ALMEIDA, M. A. (Org.). **Deficiência intelectual**: realidade e ação. São Paulo: SE, 2012. p. 51-63.
- FIGUEIREDO, R.V.; GOMES, A.L.L. A emergência da leitura e da escrita em alunos com deficiência mental. *In*: GOMES, A. et al. (Org.) **Atendimento Educacional Especializado**. Brasília: MEC, 2007. p. 45-68.
- FONSECA, F. R.; BELTRAME, T. S.; TKAC, C. M. Relação entre o nível de desenvolvimento motor e variáveis do contexto de desenvolvimento de crianças. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 19, n. 2, p. 183-194, 2008.
- JUNIOR, L. J. C.; FERREIRA, M. V.; HANSEN, A. O. importância das APAE: uma pesquisa sobre a qualidade dos serviços oferecidos pela APAE cantinho do céu. **Revista Profissão Docente Uberaba**, v. 16, n. 34, p. 155-182, 2016.
- KARIM, A. E. A.; MOHAMMED, A. H. Effectiveness of sensory integration program in motor skills in children with autism. **Egyptian Journal of Medical Human Genetics, Nasr City**, v. 16, p. 375-380, 2015.
- LEITE, L. P.; SILVA, A. M.; MENNOCCHI, L. M.; CAPELLINI, V. L. M. F. A adequação curricular como facilitadora da educação inclusiva. **Psicologia da Educação**, n.32, p. 89-111, 2011.
- LIN, C. et al. Effectiveness of sensory processing strategies on activity level in inclusive preschool classrooms. **Neuropsychiatric Disease and Treatment**, v. 8, p. 475-481, 2012.
- LOPES, E.; MARQUEZINE, M. C. Sala de recursos no processo de inclusão o aluno com deficiência intelectual na percepção dos professores. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.18, n. p.487-506, 2012.
- LOURO, V. S. Educação Musical e Deficiência: Propostas pedagógicas. São Paulo: Estúdio dois, 2006.

LUIZ, T. R. B.; ARAÚJO, P. F. Avaliação de um programa de atividade rítmica adaptada para variação dos parâmetros de velocidade do ritmo para pessoas surdas. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v.11, n.3, p.27-32, 2003.

MALUF, A. C. M. **Atividades lúdicas para educação infantil**: Conceitos, orientações e prática. RJ: Vozes, 2008.

MATOS, S. R. Educação, cidadania e exclusão à luz da educação especial - retrato da teoria e da vivência. *Revista Benjamim Constant*, 2003.

PACHECO, A. P.; MAIA, H. O trabalho do professor de atendimento educacional especializado em salas de recursos multifuncionais em escolas da baixada fluminense. *Revista Educação e cultura contemporânea*, v. 14, n. 35, p. 184-213, 2017.

PEREIRA, M. Notas sobre a deficiência intelectual. *Ciências Gerenciais em foco*, v. 8, n. 5, p. 75-81, 2017.

PLETSCH, Márcia Denise. **Repensando a inclusão escolar**: diretrizes políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual. Rio de Janeiro: NAU/EDUR, 2010.

RIBEIRO, A. L. B.; ANDRÉ, B. P. O lúdico como estratégia para a aprendizagem de crianças com deficiência no atendimento educacionais especializado. *In: V Seminário Nacional de Educação Especial e do XVI Seminário Capixaba de Educação Inclusiva. Anais [...]. Vitória: UFES, 2018. p. 553-564.*

RISTUM, M; BASTOS, A. C. **A violência urbana e o papel da mídia na concepção de professoras do ensino fundamental**. Ribeirão Preto: Paidéia, 2003.

ROLIM, A. A. M.; GUERRA, S. S. F.; TASSIGNY, M. M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. *Revista Humanidades*, v. 22, p. 176-180, 2008.

ROPOLI, E. A. et.al. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: a escola comum inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, v. 1, 2010. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar).

SALABERRY, N.T.M. **A APAE educadora**: na prática de uma unidade da APAE de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Porto Alegre, 132 f. 2008.

SILVA, A. C. R.; SANTOS, L. R.; SILVA, FM.; COSTA, E. L. R.; LACERDA, P. L.; CLEOPHAS, M. G. Importância da Aplicação de Atividades Lúdicas no Ensino de Ciências para Crianças. *R. Bras. de Ensino de C&T*, v. 8, n. 3, p. 83-103, 2015.

SOARES, L. Música e deficiência: propostas pedagógicas para uma prática inclusiva. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 12, n. 3, p; 453-454, 2006.

SOARES, M. B. Simplificar sem falsificar. *Revista Educação – Guia da Alfabetização: Os caminhos para ensinar a língua escrita*. n. 1. p. 6-11, SP: Editora Segmento, 2010.

STELLA, L. F.; MASSABNI, V. G. Ensino de Ciências Biológicas: materiais didáticos para alunos com necessidades educativas especiais. *Ciência & Educação*, v. 25, n. 2, p. 353-374, 2019.

TEIXEIRA, F. L. F.; BARJA, P. R. Percepção musical: efeitos fisiológicos e psicológicos da música em crianças e pré-adolescentes. *World Congress on Communication And Arts*, p.190-192, 2011.

VIANA, M. L.; TEIXEIRA, M. R. F. Sala de atendimento educacional especializada (AEE): o uso da tecnologia assistiva no processo de inclusão dos alunos nas atividades de ensino-aprendizagem. *Brazilian Journal of Education, Technology and Society*, v.12, n.1, p.72-79, 2019.